

PROJETO RONDON E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO UNIVERSITÁRIO: UM OLHAR PARA ALÉM DO RIO AMAZONAS

Tierre Aguiar Gonçalves
Acadêmico em Medicina - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre -
UFCSPA
tierreaguiar@hotmail.com

Prof^a Dr^a Ana Maria Bellani Migott
Enfermeira e Psicóloga. Universidade de Passo Fundo – UPF
pierinas@bol.com.br

RESUMO

Este relato de experiência é sobre a Operação de Assistência Hospitalar da Marinha do Brasil (ASSHOP), desenvolvida em comunidades ribeirinhas do Rio Amazonas. O objetivo foi mostrar aos universitários a Amazônia e aproximá-los da realidade do país. Participaram 20 acadêmicos dos cursos da saúde de várias IES do país. Foram realizadas atividades de assistência hospitalar e educação em saúde, conduzidas pela equipe preceptora embarcada e tutoria de professores no atendimento clínico, além de ações que buscaram a solução para o desenvolvimento sustentável dessas comunidades. Aproximadamente, foram atendidas 2400 pessoas, totalizando 2601 procedimentos. A experiência permitiu conhecer o modo de vida, a saúde e a cultura dos ribeirinhos, a qual servirá de base para o crescimento pessoal e profissional.

Palavras-chave: Assistência hospitalar. Projeto Rondon. Marinha do Brasil. Projeto de extensão. Educação.

RONDON PROJECT AND THE MAKING PROCESS OF THE STUDENT: A LOOK BEYOND THE AMAZON RIVER

ABSTRACT

This experience report about the Operation of Hospital Care of the Navy of Brazil (OHCNB), developed with the riverside communities of the Amazon River. Showing the Amazon forest to our students was the mean goal of this work and bring them closer to the reality of the country. Took part of this event twenty students from lots of health courses. We carried out activities on hospital care and health education, led by the boarded team and support from teachers in clinical care, as well as actions that sought the solution to the sustainable development of these communities. About 2,400 people have been attended, totaling 2601 procedures. The experience allowed us to know, the lifestyle, the health, the culture of these communities, which will serve as the basis for professional growth.

Keywords: Hospital care. Rondon Project. Navy of Brazil. Project Extension. Education.

INTRODUÇÃO

O Projeto Rondon iniciou suas atividades no final dos anos 60, é um projeto de integração nacional que envolve a participação voluntária de universitários durante as férias, na busca de soluções que contribuam para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes e ampliem o bemestar da população. Recentemente, o Projeto Rondon tornou-se menos assistencialista. Nas primeiras operações os profissionais de saúde realizavam apenas procedimentos curativos. Atualmente, se incentiva a prevenção, educação e difusão do conhecimento relativo a todas as áreas do conhecimento para que sejam multiplicadores entre a população assistida e essas multipliquem o que aprenderam (BRASIL, 2013). Nesse contexto, o Projeto Rondon aproxima os acadêmicos da realidade do País e possibilita o desenvolvimento de comunidades assistidas.

O Projeto Rondon nasceu a partir de ações do Marechal Cândido da Silva Rondon, militar, que desde 1886, ajudou a ocupar a região Amazônica. Marechal Rondon também foi responsável por levantamentos cartográficos, topográficos, zoológicos, etnográficos os quais o levaram, em 1910, a ser convidado a ocupar o cargo de primeiro Diretor do Serviço de Proteção aos Índios (BRASIL, 2013).

Segundo o Ministério da Defesa (BRASIL, 2013), coordenador das ações, o Projeto Rondon é realizado em estreita parceria entre diversos ministérios e o apoio das Forças Armadas, que proporcionam o suporte logístico e a segurança necessária às operações. Há, ainda, a colaboração dos Governos Estaduais, das Prefeituras Municipais e a contribuição das instituições de Ensino Superior (IES) com equipes de rondonistas universitários.

O Projeto Rondon possibilita práticas acadêmicas que extrapolam os muros da Universidade, interligando-a com a população menos assistida através de atividades que promovam a transformação do profissional cidadão através da busca constante do equilíbrio entre as demandas sociais e as inovações que surgem durante o trabalho acadêmico. Diante disso, a Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é um conjunto de atividades que deve ser entendido como aquele capaz de promover a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (MEC, 2007).

A Extensão universitária estabelece um elo indissociável entre universidade e comunidade permitindo a troca de diversidades e saberes. A diversidade é uma das características marcantes do nosso País, contrasta-se etnias, feições e sotaques de norte a sul do território Brasileiro, tudo parece gigantesco, diferente, mas que carrega a singularidade peculiar do povo brasileiro. A convivência com brasileiros de outras regiões por vezes se tem a sensação de estar com um viajante de outro país, a comida, a dança, a cultura, o modo de fazer e ver as coisas soam deveras estranho.

A Marinha do Brasil e o Projeto Rondon realizaram um intenso programa de brasilidade através da atividade denominada Operação de Assistência Hospitalar (ASSHOP) que teve por objetivo levar

assistência médico-odontológica, principalmente, à populações ribeirinhas do Rio Amazonas. A ASSHOP ocorreu a partir do deslocamento de Navios de Assistência Hospitalar da Marinha do Brasil (NasH), pelo Rio Amazonas, subordinados ao Comando da Flotilha do Amazonas. Os NasH, são conhecidos pelas comunidades ribeirinhas como os navios da esperança.

Nas localidades atendidas, situadas nos pólos de saúde são realizados atendimentos especializados, constando de ações médicas e odontológicas preventivas e curativas, visando fomentar a educação para a longevidade, para a saúde, para os cuidados de higiene, para a vigilância em saúde e para eventuais atendimentos às emergências e/ou encaminhamentos necessários á centros de referência. A prioridade de atendimento de cada região de Saúde é estabelecida em conjunto pelo Ministério da Saúde, Marinha do Brasil e os órgãos estaduais e municipais de saúde.

O primeiro contato entre os “Asshopianos” – como carinhosamente nos denominávamos – ocorreu via internet, através de redes sociais, sendo criado um grupo específico para os encontros de organização, planejamento, nivelamento e amadurecimento das ações. Participaram desta ação acadêmicos dos cursos de graduação da área da saúde e docentes, coordenadores da ação (Figura 1). Posteriormente em Manaus aconteceu o encontro interpessoal, no qual aos poucos fomos nos conhecendo. Havia muita expectativa para o inicio das atividades e para o embarque nos navios para navegarmos no maior rio do mundo, o Rio Amazonas. Mal sabíamos que esta seria uma viagem inesquecível e uma verdadeira lição de vida e de cidadania.

Santos em 2000, ao discutir sobre as possibilidades e os caminhos, nas formações dos sujeitos, afirmou que: “De nada valeria desenhar mapas, se não houvesse viajantes para percorrer.” E, navegar pelo Amazonas, compartilhar experiências com a população ribeirinha e participar do dia-a-dia da organização militar, vai para além do imaginário, a convivência com regras e normas que proporcionam momentos ricos de conhecimentos e reflexões a cerca das possibilidades e caminhos percorridos para chegar nestes lugares isolados, certamente consolidou nesse grupo de universitários a



cidadania brasileira, o que permitiu vivenciar um pouco da grande diversidade que há neste imenso País chamado Brasil.

Figura 1. Foto oficial da equipe (10º dia de ASSHOP). Comunidade de Nossa Senhora das Graças

RESULTADOS E DESAFIOS

Ao todo 12 comunidades foram visitadas, ao longo do Rio Amazonas, entre as comunidades de Bom Sucesso e Urucurituba. Nos 14 dias de ASSHOP, aproximadamente 2400 pessoas foram atendidas, totalizando 2601 procedimentos, dentre eles: atendimentos nutricionais, atendimentos de serviço social, visitas domiciliares, pré-consultas médicas e de enfermagem, odontológicas e vacinações. Essas ações foram realizadas dentro da atividade multidisciplinar, que é um dos fundamentos/pilares da extensão universitária. Desta forma, a interdisciplinaridade constitui-se em um fator fundamental para executar ações mais amplas com grandes discussões e com diferentes olhares

(MODRO et al., 2008).



Os achados de maior prevalência foram: problemas respiratórios, dentários, geniturinários, doenças sexualmente transmissíveis, dermatites, parasitoses, alcoolismo, hipertensão (Figura 2), diabetes, maus tratos a crianças, presença de vetores, consumo de drogas ilícitas, falta de

Figura 2. Visita domiciliar (9ª de ASSHOP).

Comunidade Novo Remanso.

saneamento básico, violência doméstica,

furtos, prostituição infanto-juvenil, dificuldade de acesso à serviços de saúde e isolamento durante as cheias do Rio.

No decorrer das atividades, inúmeras dúvidas e incertezas surgiam, inclusive indagações a respeito do que é felicidade. Refletia-se sobre a realidade atual do nosso País! O que é mais importante: Ser ou Ter? O que fazemos no nosso dia-a-dia para ajudar as pessoas? O que o ecossistema amazonas contribui para promoção da saúde na população ribeirinha? E no rondonistas? Como a falta de saneamento básico repercutia nos rondonistas? Questionamentos como esses estavam simultaneamente presentes na maioria dos atendimentos e oficinas, sejam de maneira consciente ou inconsciente, em discussões ou em pequenos grupos.

Devido às inúmeras atividades, haviam poucas pausas para reflexões a cerca da realidade em que se encontra a população brasileira, das condições dentro dos lares, das famílias (des) estruturadas, das mulheres submissas cuidando dos afazeres domésticos e/ou em função dos filhos e da invisibilidade da figura masculina que ficara longos períodos ausente. Quando indagávamos os ribeirinhos sobre a possibilidade de mudança nos hábitos de vida e o que esperavam do futuro respondiam objetivamente que não mudariam de vida e que eram felizes como viviam, embora fosse nítida a dificuldade, a precariedade nos serviços de saúde e de (sobre) viver.

Inquestionavelmente a hospitalidade e a atenção do ribeirinho com os rondonistas era de se admirar (Figura 3); muitos ofereciam frutas típicas da região, como forma de agradecimento pela visita e atenção.

Nesse ínterim vinham à mente reflexões acerca da missão a qual desempenhávamos nessas localidades e de que forma isso contribuiria com a nossa transformação enquanto cidadãos, pois estas pessoas necessitavam desse trabalho rotineiramente realizado pela Marinha do Brasil. Era necessário não deixar-nos levar pelas fraquezas, tornava-se indispensável vencer os obstáculos, já que era preciso desenvolver as atividades de maneira consistente, mesmo que por um curto período. Acreditávamos que não promoveríamos grandes transformações, mas a “semente” do cuidado, da atenção e do carinho com o nosso semelhante foi plantada naquelas terras e águas, o qual aprendemos a aprender.

A participação neste desafio tornou palpável todo o conhecimento adquirido ao longo da vida e da graduação e, além disso, colocamos em prática o que na Universidade aprendemos. Nesse contexto, percebemos que a realidade e as condições de vida são, de fato, discrepantes entre as diversas regiões do País, uma vez que ao refletirmos sobre nossas ações em relação à equipe, ao



ribeirinho e a Amazônia, nos damos conta que, de fato, estamos em meio a diferentes pessoas, costumes e dialetos, com problemas semelhantes em sua forma, mas com o mesmo objetivo – viver saudável, ser feliz, frustrar-se, crescer e se desenvolver como pessoa una e social.

Figura 3. Visita domiciliar (7º de ASSHOP). Comunidade São Pedro do Iracema.

Uma questão de suma importância e que nos expede ao futuro é o que esperar deste quando nos remetemos às crianças e aos jovens destes lugares?

Como relatado por Gonçalves e colaboradores:

Quando questionados sobre o futuro que sonhavam, respondiam, sem pestanejar que gostariam de ser **ron-do-nis-tas**. Inquestionavelmente, ao ouvir a palavra rondonista proferida com tanto entusiasmo e graciosidade na fala, logo, o compromisso de Lição de Vida e de Cidadania (lema do projeto rondon) vem à tona, pois instigavam o pensamento da missão a qual fomos designados naquelas terras e águas, sendo que esses apostavam no trabalho que ora era desempenhado e era preciso não deixar-se levar pelas fraquezas, pois era indispensável vencer os obstáculos, medos e

anseios, já que se necessitava de futuros multiplicadores dispostos a atuar, com o mesmo entusiasmo em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. (GONÇALES et al., 2013).

Tentamos, às vezes, impor modos de vida, costumes, ideias de certo ou errado, mas entendemos que cada um é feliz ao seu modo, seja com pouco ou com muito, em meio às adversidades ou as serenidades refletimos qual é o melhor modo de viver a vida? Existe um modelo aceitável e viável a todos? Qual modo propor ou seguir? Que modelo pode ser transformador? Com certeza ficaram mais perguntas do que respostas, a verdade é que encontramos respostas para grande parte das perguntas. Certamente são mais perguntas do que respostas...nossas emoções e pensamentos ficam mais polidos e ganhamos mais em racionalidade sobre a solidariedade e afeto para com o próximo, por exemplo.

Compartilhamos situações inusitadas relatadas pelos ribeirinhos como a cheia de 2009, na qual a água do Rio Amazonas inundou as casas em palafitas. Residências essas construídas a mais de um metro do chão tentavam evitar a perda dos bens materiais. Durante o período de cheia e para não perder os móveis e os alimentos, as famílias construíram novos pisos de madeira na medida em que a água do rio subia. Além disso, estruturas chamadas de “pinguelas” foram construídas entre as residências e entre os locais de difícil acesso ou entre as embarcações e os barrancos para facilitarem o transporte e o deslocamento das pessoas.

Não poderíamos deixar de mencionar a figura ilustre de Dona Íris, 61 anos, que carinhosamente recebeu parte da equipe em sua humilde residência e sabiamente comentou sobre seus costumes e modos de ver e viver a vida. Comentando de maneira simples, educada e espontânea confessou que era extremamente feliz pela vida que levava e que não a trocaria por nada neste mundo, pois quando faltava comida utilizava uma flecha para pescar e saciar a fome. Durante a conversa descontraída, a ribeirinha relatou que gestou dezoito vezes, destes, sete abortamentos. Ao ser questionada sobre o uso de métodos contraceptivos confessou que realizara uma experiência há alguns anos, na qual ao colocar uma pilula dentro de um pedaço de carne ocorreu algo como necrose tecidual ao redor do comprimido. Desde então abandonou essa “coisa de se cuidar”... Esta senhora de atitude simples, inteligente e carismática com certeza deixou sua marca imperecível nos nossos corações: a simplicidade!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O que o Projeto Rondon mostrou é que existe um Brasil que caminha através de cada integrante desta nação, principalmente dos líderes locais analfabetos que expressaram, neste Projeto, o desejo de crescer, de ajudar, de compartilhar.” (SAVELI, TEIXEIRA DE PAULA, 2007).

A partir do exposto acima a lição é de que a carência material não é nada diante da riqueza moral, sendo que esta convida para uma reflexão do respeito e do valor que cada indivíduo tem na

sociedade e a forma pela qual enfrenta as adversidades. As demonstrações de satisfação das comunidades visitadas, nos certificavam de que os objetivos propostos foram alcançados e que a transformação interna de cada rondonista acontece de maneira progressiva.

Fazia-se necessário refletir que simplicidade e a falta de subsistência estavam muito próximas do estado de mendicância e que aqueles indivíduos eram felizes mesmo com pouco. Ao se colocar a cabeça no travesseiro e minutos antes de adormecer, refletia-se sobre o dia que havia passado e o que se podia melhorar enquanto cidadão brasileiro; os questionamentos a partir do medo de fracassar permeavam o pensamento, talvez o maior medo do ser humano seja o de ser impedido de ser o que é (GONÇALES et al., 2013).

Definitivamente, esta foi uma oportunidade ímpar de conhecer a realidade da nossa imensa Amazônia e ao mesmo tempo, vivenciá-la. Certamente, ao final desta experiência tornamo-nos melhores. Não tínhamos a pretensão de mudar o mundo, mas nos realizaríamos na possibilidade de mudar o mundo de alguém. Na bagagem de volta, entendemos que a prática médica não foi apenas a de fazer diagnósticos ou prescrever medicamentos, mas ouvir as pessoas, entrar em suas residências, conhecer suas crenças e entender como (sobre) vivem, foi compreender o processo de dor pelo qual pessoas passam e vivem e também maravilhados com as soluções que podem realizar em prol de sua qualidade de vida que ora produz resultados, outrora conduz a perdas irreparáveis.

Em suma, a maioria das perguntas que surgiram durante as atividades continuaram sem respostas e ao regressarmos para a Universidade e para o cotidiano dos grandes centros ficamos com o sentimento de impotência, porém de uma missão cumprida sonhando com um Brasil mais igualitário e acima de tudo, justo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Defesa**. 2013. Disponível em: <http://projektorondon.pagina-oficial.com/portal/index>. Acesso em: 10 de mar. 2013.

FORPROEX. I Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. Brasília, 1987. Disponível em: <http://www.renex.org.br/index>. Acesso em: 22 de mar. 2013.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012.

GONÇALES, R. A., *et al.* Projeto Rondon: Experiências e Mudanças Interiores em Prol de uma Sociedade mais Justa e Igualitária. **Revista UDESC em Ação**, v. 7, n. 1, 07 p., 2013. Disponível em:

http://www.revistas.udesc.br/index.php/udescemacao/article/view/3154/pdf_11. Acesso em: 21 agos. 2015.

MODRO, N. R., *et al.* Projeto Rondon: Gestão Pública e Desenvolvimento Sustentável em Campo Largo do Piauí. **Revista UDESC em Ação**, v. 2, n. 1, 13 p., 2008. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/udescemacao/article/viewFile/1731/1367>. Acesso em: 02 abr. 2013

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SAVELI, E. L.; TEIXEIRA DE PAULA, E. M. A. Projeto Rondon e sua função Político Social. **Rev. Conexão UEPG**, v. 2, n. 1, p. 59-63. 2007. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article>. Acesso em: 22 de mar. 2013.